

CORPO E DIVERSIDADE CULTURAL*

ANA MÁRCIA SILVA

Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: anamsi@bol.com.br

RESUMO

O artigo em questão discute o corpo como elemento da cultura e da natureza, destacando a concepção de corpo das ciências biomédicas e sua tendência a uma mundialização da cultura, a força da economia ante a diversidade cultural e as relações entre corpo, ética e política.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo; cultura; ciência; modernidade.

* Estas idéias foram apresentadas com o mesmo título na conferência organizada pelo CBCE na 53ª Reunião Anual da SBPC, em Salvador/BA, em julho de 2001.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte.
Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.
A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário.
Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima
das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto.
Hércules quasímado, reflete o aspecto, a fealdade típica dos fracos.
Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência
que lhe dá um caráter de humildade deprimente [...].
É o homem permanentemente fatigado.

Euclides da Cunha, "Os Sertanejo" em *Os Sertões*, 1982, p. 47

O tema expresso no título, assim como nesta passagem de *Os Sertões*, fala-nos do corpo como um elemento da cultura em meio a uma diversidade de culturas; mostra-nos uma certa cultura, com seus fundamentos e valores, analisando elementos de outras culturas. Os indicadores destas diferentes culturas são, todos eles, marcados pelo seu tempo na história e espaço na natureza, a partir dos quais os seres humanos produzem a sua subsistência e todos os bens simbólicos, juntamente com a construção de si que se dá nesta interação.

Temos, então, não um corpo, mas muitos corpos, tantos quantos são os sujeitos pertencentes às muitas culturas que povoam o planeta. Apesar disso, o corpo, como organismo e elemento da natureza, também nos atribui parte da condição humana e identidade da espécie. A interconexão que estabelece com a cultura e a natureza, sendo integralmente de ambos os domínios, é que confere ao corpo humano sua singularidade no mundo e sua riqueza como ponto de partida para uma reflexão crítica, como temos procurado desenvolver (Silva, 2001).

Muitas são as possibilidades de explorar o tema "corpo e diversidade cultural". Poderíamos pensar, por exemplo, nos indícios de um *desaparecimento da infância* que surgem a partir do âmbito corporal; uma reconstrução da cultura infantil que, ante a indústria cultural, assume formas cada vez mais estereotipadas em detrimento da criatividade, demonstrando a força da mídia perante a construção dos sujeitos, em especial, na infância, como já vem sendo desenvolvido. Outra possibilidade seria explorar as relações que se dão a partir da cultura do mundo do trabalho e da *colonização de outras esferas da vida*, com a interiorização de relações maquinais e sua transferência para as interações sociais. Outro caminho, ainda derivado desta reflexão sobre corpo e cultura, poderia ser na direção das *questões de gênero e seu inacabamento* no interior da cultura e da lógica predominantes na atualidade, por discutirem a necessidade de uma revolução da sexualidade, que poderia conter mais promessas impossíveis e por isso, também, novos equívocos e frustrações.

Considerando estas possibilidades e outras que, com certeza, estão para além da minha capacidade até mesmo de observá-las, é que me propus a estruturar

o texto a partir de três idéias centrais, quais sejam: a idéia de que no interior das ciências biomédicas, da qual a educação física ainda é uma aprendiz fiel, permanece existindo apenas um corpo, tal qual nos primórdios da estruturação da ciência moderna no século XVII, o qual serve de substrato, com o reforço da cultura científica, para uma tendência de mundialização cultural; a segunda idéia é que, apesar da diversidade de expectativas do corpo que permeiam as diferentes culturas, fundamentadas em critérios muito diversos daqueles da cultura ocidentalizada urbana moderna, há um investimento mercadológico não só em uma expectativa de corpo, mas num tipo de relação instrumental e apropriável dos indivíduos com sua dimensão corporal, numa ampliação do que se pode chamar de cultura do consumo e do narcisismo; e por último, a idéia de que o corpo é que dá visibilidade ao ser humano e é a sede dos direitos humanos fundamentais que dizem respeito ao direito à vida digna, o que o torna elemento central na reflexão ética e política.

O CORPO DA CIÊNCIA E A MUNDIALIZAÇÃO DE UMA CERTA CULTURA

A primeira proposição do texto fundamenta-se na idéia de que as ciências biomédicas trabalham a partir de uma expectativa de corpo constituída por representações provenientes dos estudos biológicos e de sua linguagem específica. Este "corpo-referência", na linguagem própria da área, é estruturado com base em uma perspectiva matemática, porque formulado na base quantitativa, o que permite sua generalização, porque abstrato e pretensamente aistórico e supracultural. A generalização dos dados estatísticos e medidas padronizadas, ao serem incorporados pelos profissionais vinculados às ciências biomédicas em todo mundo urbanizado, indica uma tendência à mundialização deste referencial de corpo que se sobrepõe às diversidades culturais, sob os auspícios da ciência.

No interior da literatura especializada de áreas como a medicina do esporte e em alguns ramos da educação física é freqüente o uso de conceitos e denominações como "homem e mulher de referência" (Behnke & Wilmore, 1974), "modelo de referência" (MacArdle; Katch; Katch, 1986), "peso corporal ideal" (Guedes, s/d). Estas definições usuais geram práticas de avaliação e intervenção sobre os corpos que se difundiram sobremaneira, constituindo uma parte importante do imaginário social, ainda que as condições objetivas não permitam os meios para atingir este corpo considerado ideal e, ainda menos, refletir criticamente a este respeito.

Podemos encontrar outro indício desta questão analisando a procedência (americana, em especial, e em parte européia) da maioria das tabelas de base

utilizadas pela medicina para avaliação dos indivíduos, no que se refere à definição dos valores da média da população em peso, idade e em diferentes compleições físicas. Estas tabelas de base geram padronizações nos processos de avaliação e intervenções em âmbito mundial, inclusive porque suas formas de validação nos diferentes locais partem da mesma lógica entre as variantes dos termos das tabelas. A partir da década de noventa, as equações são formuladas com base em novos estudos (Pollock & Wilmore, 1993), que se propõem a ser generalizáveis a variadas populações, com diferentes composições corporais e faixas etárias. A generalização destes dados estatísticos reforça este indicativo da tendência à mundialização desta referência única no campo das biomédicas, sobrepondo-se às diversidades culturais.

Grande parte das médias utilizadas nestas fórmulas vem sendo atualizada desde o final do século passado, quando foram desenvolvidas a partir de levantamentos extensivos em dados coletados pelas companhias seguradoras em homens e mulheres economicamente ativos, e tem servido para indicar, por exemplo, o "peso ideal" para os indivíduos. O importante nesta questão é observarmos que os dados provêm dos critérios de utilidade do mundo do trabalho, posto que tal levantamento foi desenvolvido de acordo com os padrões de concessão de apólices de seguro aos trabalhadores norte-americanos. A capacidade objetivável de rendimento da força de trabalho é que fundamenta o "corpo-referência" da cultura científica e daquilo que ela constitui como um padrão de normalidade, criando um evidente descompasso com a realidade e a compreensão da diversidade humana. A concepção de ciência subjacente a este modelo biomédico, também neste campo do trato com o corpo, mostra-se como a nova ideologia moderna, tal como Gramsci (1991) já havia identificado no início do século passado, como um discurso justificador de um certo padrão do que o Humano é ou deveria ser.

Santos (1996) fala-nos desta capacidade de generalização como um fato característico das técnicas atuais, como é observado nos instrumentos, metodologias de mensuração e tabelas organizadas com base nos preceitos das ciências biomédicas nos estudos e intervenções sobre o corpo. Podemos observar que este conjunto de procedimentos apresenta uma indiferença em relação ao lugar em que se instalam, e não são repensados a partir da cultura de cada local, das subjetividades envolvidas ou das diferenças geográficas.

Os procedimentos são indiferentes às características ambientais em função de sua lógica interna e de seus fundamentos; caso isso não seja suficiente para sua crítica, precisamos lembrar que este aparato substitui a mediação subjetiva pela técnica, ampliando as dimensões inumanas no trato com o corpo. O que prevalece é a perspectiva pragmática da técnica e não a dos sujeitos que a colocam em

ação, levando-os a interiorizarem, em alguma medida, o modelo proposto pela tecnociência. Esta tendência é mais forte entre os especialistas, dada a sua formação e prática profissional no interior desta lógica de relações, optando por este conjunto de procedimentos em detrimento da consideração da diversidade humana e das diversidades culturais, o que contribui com a redução das condições para o exercício da autonomia.

Em alguns setores da educação física, área de estudo que tem como referência central o corpo e o movimento humano, não ocorre aquilo que Moraes (1994, p.45) chama de um “balanço crítico”, de um “acompanhamento epistemológico” capaz de agregar novas reflexões, novas técnicas e novos paradigmas, mas, também, de recusar aqueles que não estiverem de acordo com os avanços da área, avanços estes necessariamente coerentes com preceitos éticos, estéticos e, talvez, epistemológicos, como poderemos vir a estruturar. O emprego das técnicas e dos seus dados empíricos não é acompanhado da devida reflexão acerca de sua origem e da lógica que lhes é característica; generaliza-se, desta forma, o seu uso e os seus resultados.

A mundialização de um “corpo-referência”, constituído pelas imagens biológicas e pela estratificação das amostras pesquisadas, é fundada num corpo-objeto, dado que as características do sujeito e da cultura foram deliberadamente excluídas para possibilitar sua generalização. O modelo de corpo proposto pela ciência é um corpo inexistente, porque ninguém corresponde às estatísticas vigentes. Neste sentido, parece-nos que há uma contradição em setores da educação física que visam à saúde e à chamada qualidade de vida, porque em seu fundamento está uma perspectiva de objetivação do corpo que lhe retira a dimensão subjetiva e dinâmica da vida. Estes estudos, em última instância, fundamentam-se em um corpo morto, considerando-o sem história e sem memória, no qual não está mais presente a condição de sujeito, como nos mostra Vaz (2001).

Podemos observar a força ideológica do discurso científico em algumas instituições, acadêmicas ou profissionais, atuando no sentido de uma *colonização da cultura* pelos parâmetros deste modelo de ciência. No interior dos documentos e intervenções institucionais há uma redução da compreensão de cultura e dos fenômenos da cultura que se expressam prioritariamente por meio do movimento, considerando-os apenas em termos de exercício ou atividade física. A lógica que prevalece é a das ciências biomédicas, como a fisiologia e a cinesiologia, indicando aos profissionais e à toda a sociedade uma desconsideração por outras dimensões do corpo e do movimento humano.

No fundamento desta concepção, vemos o reducionismo e a naturalização no trato com o corpo e com o movimento humano às suas dimensões biológicas

ou naturais. E aí, justamente, reside outro equívoco conceitual que se expressa no âmbito das políticas institucionais: ao fazer tal redução, acabam por dar a primazia dos estudos e intervenções sociais aos médicos, de quem alguns setores da educação física, vinculados à linha da atividade física e exercício físico, tanto lutam por se “emancipar”.

CORPO: URBANIDADE E DIVERSIDADE

É preciso, portanto, relativizar os dados da ciência, fazê-los passar por uma reflexão crítica, “reincorporá-los” à complexidade da qual provêm, já que buscamos compreender e intervir socialmente, atuando com indivíduos concretos, com suas histórias de vida e culturas que lhes fornecem o substrato de sua existência. Para a passagem de uma certa cultura científica às diversidades culturais, pode ser útil fazer um exercício de abandonar os critérios que aprendemos com a racionalidade que prevalece no domínio da ciência e, cada vez mais, em toda cultura urbana moderna, dominada pelos meios técnico-informacionais.

Não se trata aqui de fazer o elogio às culturas tradicionais e suas manifestações, julgando-as perfeitas por serem fruto, basicamente, da cultura popular. Pelo contrário, trata-se de reconhecê-las, perante qualquer cultura, o seu duplo caráter, como aponta Gramsci (1986): aquilo que tem de conservador e arcaico, assim como de criativo e inovador; parâmetros constituídos no interior da própria sociedade em questão e das possibilidades de constituição de um universalismo ético.

As características culturais, assim como as necessidades eleitas por cada cultura, não podem ser definidas por uma perspectiva naturalista, como se fossem decorrência de uma condição inata ou da “natureza humana”. Nesta fase da modernidade, cada vez mais se expandem as necessidades induzidas pela ordem econômico-social capitalista e por sua lógica de mercado fundamentada no consumo, que possibilita sua reprodução e expansão. O interesse desperto pelo discurso produzido pela ciência, com informações sobre o corpo, a saúde, a beleza, sempre repetido pelos meios de comunicação de massa, vai alterando as diferentes culturas que o incorporam e reconstróem suas formas de ser.

O que podemos observar na linguagem cientificista, reproduzida amplamente pela mídia e reincorporada pela cultura popular, é uma redução do humano e da realidade. Esta ciência, por sua força ideológica nestes tempos da modernidade, consolidada e expandida pela mídia, torna-se aquela que *fala a realidade*, criando, portanto, outra realidade. Este discurso científico e esta linguagem cientificista da mídia fazem um recorte objetivável do humano, criando outro conceito do que é ser humano. Como nos dizia Nietzsche (1987), os conceitos são metáforas com

a força de construção de outra realidade, criando, por isso, nova dualidade entre o discurso e o mundo.

Entre todos estes elementos, as tecnologias do corpo vão se expandindo cada vez mais, levando consigo a lógica que é característica do mundo da tecnociência: o corpo, assim como toda realidade, deve refletir a sua imagem. Como produto social que é, a tecnologia tem em vista uma perspectiva de ser humano e de sociedade e, em decorrência disso, do tipo de necessidades a que deve responder; neste caso, as necessidades de uma sociedade com uma ordem econômico-social capitalista e ao tipo de ser humano que está se formando em seu interior. Cria-se, desta maneira, uma cultura que leva os indivíduos a interiorizarem uma forma de comportamento que os faz permanecerem presos às imagens intermediadas pela publicidade (Haug, 1997) e à “evolução cega da economia” (Horkheimer & Adorno, 1985, p. 50), a tal ponto de encobrirem esta lógica em suas próprias consciências. A necessidade intrínseca do capital de expansão e reprodução desenvolve sempre novas esferas produtivas a serem ampliadas e novas esferas sociais que vão sendo penetradas por sua lógica de funcionamento.

A partir de tal perspectiva, podemos refletir acerca da beleza corporal e do que é “ser saudável”, conceitos difundidos pelo mercado com base no modelo que a ciência propõe e que se tornaram signos estéticos valiosos, com sua manifesta homogeneidade que se impõe aos indivíduos e às culturas. A fase atual da economia de mercado tem se caracterizado pela importância atribuída ao valor simbólico da mercadoria, constituindo em larga escala os signos estéticos que serão consumidos. A homogeneidade destes signos é fruto de uma racionalização que enquadra a beleza como “um elemento calculável da existência”, nas palavras de Adorno (1993, p.150), o que faz com que pareça apropriável na esfera do consumo.

A lógica mercantil propicia o enquadramento da beleza corporal, uma objetivação estética que reforça um sentimento de posse, ao mesmo tempo que um distanciamento ou uma perspectiva de exterioridade do corpo. Vemos a constituição de um *mercado das aparências* no qual o corpo é colocado como realidade a ser apropriada: cada um pode *ter* o corpo que quiser; mais uma dicotomia de difícil resolução para o indivíduo e a cultura urbana da atualidade. As imagens utilizadas pela propaganda, de maneira subliminar ou não, são de juventude em liberdade, imagens de opulência e saúde, temperadas pelo erotismo e vinculadas, em geral, a uma estética da magreza. A intermediação das imagens veiculadas acaba por constituir parte dos indivíduos e das culturas: o corpo assume os traços destas imagens e dos artigos ali expostos, em detrimento das raízes étnicas e culturais e

da individualidade em questão. A *dissemelhança do Outro*, pelo contrário, ou gera hostilidade e, na melhor das hipóteses, a tolerância, ou gera a curiosidade por aquilo que é tornado exótico.

Esta fase da modernidade vem se tornando cada vez mais uma “economia de signos”, como nos diz Lash (1997), em função da “informatização” do processo e do produto do trabalho; os símbolos, as imagens, as narrativas e os sons são todos signos estéticos que constituem as estruturas culturais sobre as quais os indivíduos vão se formar e agir.

Podemos observar as características desta lógica mercantil no interior de práticas corporais como o esporte, as ginásticas, os jogos e as lutas, especialmente para aquelas que se mercadorizaram na forma de espetáculo. Neste caso, é o enquadramento pela lógica da performance, da eficácia e do rendimento que se constitui em critério estético predominante, como discutimos anteriormente (Silva, 1991). Os efeitos do fenômeno da mercadorização foram observados em outras áreas relacionadas à cultura, como nos indica Bosi (1987, p. 11): “a festa, exibida mas não partilhada, torna-se espetáculo. Nesse exato momento, o capitalismo se apropriou do folclore, ocultando o seu teor original de enraizamento”, teor este também existente nas práticas corporais oriundas da classe popular.

O que vemos se universalizar com esta imagem iconográfica de corpo e a forma espetacularizada das práticas corporais é um *modo de vida*. A partir de um padrão de existência urbano ocidental feliz, fundado na ideologia do consumo e de um certo narcisismo (Lasch, 1983), vemos constituir-se um modo de vida normativo e, por isso, homogêneo e estereotipado, que tende a se estender pelo mundo sobrepondo-se à riqueza da diversidade humana e cultural.

A CULTURA E O DIREITO À DIGNIDADE:

O estilhaçamento em éticas múltiplas que ocorre por todo planeta nos faz refletir acerca do direito a uma vida digna que deveria ser usufruído por todos, além das posições relativistas e multiculturalistas que se mostram, em seus fundamentos, como insuficientes. O respeito à diferença que sugere a discussão sobre a cultura tem sido indicado como fundamento ético e estético em contrapartida às concepções que tornaram-se hegemônicas na modernidade. No campo da ética, vemos predominar o utilitarismo, levando os indivíduos a uma identidade ou homogeneidade que repercute no campo estético. Observamos uma desvalorização dos objetos e dos outros sentidos e capacidades humanas, inclusive aquelas que se encontram no campo da intuição, mais vinculadas ao sentido estético, frente aos fins utilitaristas e à necessidade da eficiência e eficácia que imperam na atualidade.

A relação entre cultura e ética tem outro cruzamento importante no que diz respeito ao corpo e sobre o qual precisamos refletir mais demoradamente. Estamos num momento histórico que vem sendo chamado de uma segunda descoberta de Colombo e que, tal como a primeira, tem o objetivo de extrair nosso patrimônio, não mais as riquezas minerais ou manufaturadas, mas um momento que poderíamos chamar de *mercadorização dos viventes*. Isso porque (cf. Papart, Chastonay e Froidevaux (1999, p. 29), a saúde não só entrou de “pleno direito” na esfera de mercado, como se tornou objeto privilegiado de consumo, situando-se “no centro mesmo da economia”. Além das questões relacionadas à saúde, a indústria alimentícia precisa saciar a *fome de novidades* do chamado primeiro mundo; estas novas exigências de expansão do mercado consumidor levam a uma exploração das reservas biológicas dos terceiro e quarto mundos.

A separação que poderemos estar vivendo em breve no planeta não é só entre ocidente e oriente, ricos e pobres, diferentes culturas ou etnias. É uma diferença que pode ser instituída pela bioengenharia e apropriada, na esfera do mercado, por aqueles que tiverem condição financeira para isso. As transformações que a tecnologia parece estar organizando para a estrutura orgânica e corporal dos seres humanos podem chegar a um ponto que a dissemelhança se estabeleça, criando, a partir de uma “cortina de ouro”, como chama Buarque (2001), uma ruptura biológica na espécie humana. A tecnociência pode estar estabelecendo, neste momento, uma nova espécie, ao criar seres que poderão viver mais de cem anos, sem doença, sem dor e com boa condição de vida, diferentemente daqueles como nós, que viverão em torno de cinqüenta anos, doentes e sem dignidade. Os *escolhidos* serão uma nova raça de super-homens, sempre idealizada pelos totalitarismos e que tem no filme *Gattaca* (Nicoll, 1997) uma representação artística esmerada.

Estamos vivendo, também a partir deste contexto, um novo *apartheid* na humanidade, no qual as relações norte-sul ou minoria-maioria ocorrem sob nova ordem: bioescravagismo e biopirataria, já que os bens mais importantes dos países pobres seriam os órgãos, as propriedades químicas e o material genético de seus habitantes, de sua fauna e flora. A lógica de tratamento é a mesma para humanos e não-humanos, especialmente, quando se trata da *aquisição* da saúde e da beleza.

Estamos num momento de colonização em que a predação não se efetua apenas sobre as riquezas minerais, mas é uma predação *high tech* sobre a diversidade cultural e sobre a biodiversidade. O espaço a ser colonizado não se caracteriza pelo além-fronteiras de países, mas pelo espaço interior dos seres vivos, que se tornam, cada um deles, novas colônias em potencial, a partir dos quais se pode patentear a vida. O que verificamos é uma exploração da etnobiociabilidade

com uma expropriação, por parte do capital, das culturas, exploradas no turismo, sob o rótulo de exotismo, sobre o saber que indica as novas fontes biogenéticas a serem expropriadas. Funda-se uma nova ordem imoral (ou, talvez, amoral, porque fundada por uma tecnociência que se quer neutra), para a qual tudo tem preço, porque mercadorizável, e nada tem sacralidade; não há, portanto, limites para a manipulação dos valores e diversidades, para a *manipulação da vida*.

* * *

As questões relacionadas ao corpo e à cultura não têm sido suficientemente refletidas por parte dos educadores: devemos considerar as ambiguidades de uma expectativa de corpo produzida como elemento para a esfera do consumo tornando-se, ao mesmo tempo, um sonho inatingível, uma obsessão que pode paralisar a vida, mas, também, um incentivo ao cuidado de si, que é fundamento de todo processo de construção da autonomia e da democracia no ocidente.

A ambiguidade das ações humanas, tal como o trato com o corpo, lembra-nos que podemos compreender e investir na revalorização do corpo como revolucionária, se entendida como resistência perante esta lógica da indiferença e da apropriação instituída pela tecnociência, em sua articulação com os interesses de mercado. Talvez, possamos investir na *integridade corporal* como um indicativo ético que pudesse ser compartilhado por toda a humanidade, como já nos foi apontado por Eco (1995). A integridade corporal, compreendida em toda sua *complexidade*, possibilita-nos a construção de critérios éticos para a produção de conhecimentos sobre o corpo e para as políticas de intervenção sobre os corpos, como nos fala Sant'Anna (2001). Para tanto, devemos reconhecer que a questão fundamental diz respeito à condição de vida digna à qual todos os seres humanos deveriam ter direito e que só pode ser auferida pela visibilidade que a instância corporal oferece, com toda sua expressividade, que se mostra para além da mera aparência.

A perspectiva dialética deve estar presente, também, na compreensão do duplo caráter da cultura, com sua contribuição para a manutenção da injustiça social e para aquilo que Adorno (1995) chamava de semiformação, a partir de uma educação danificada; porém, considerando sempre sua importância como possibilidade concreta de expressão e produção da liberdade, e da reconciliação entre o belo e o necessário, impossíveis no interior desta forma de organização social.

A incerteza diante das novas realidades criadas pelos confrontos entre a cultura de massas, a indústria cultural e a diversidade das culturas populares é

inevitável e com a qual precisamos aprender a conviver como parte da ambiguidade que constitui a humanidade e como parte da responsabilidade que assumimos como educadores.

Conhecermos a realidade criticamente, importante por si só, pode nos ajudar a “apreender por onde e como isso que existe hoje poderia não ser mais o que é... abre um espaço de liberdade concreta, ou seja, de transformação possível”, como nos fala Foucault (2000, p. 325). Este é o sentido que encontramos para o pensamento crítico num momento em que o véu da tecnologia e da lógica do capital recobrem tudo; se o pensamento crítico é pessimista é porque o sofrimento (não só humano) não pode ter justificativas. Talvez, sendo pessimistas perante o paradoxo existente, poderemos nos permitir ver e sentir o otimismo do *não-existente*.

Body and cultural diversity

ABSTRACT: This article deals with the body as an element of culture and nature, highlighting the body conception in biomedicine and its tendency to cultural globalization, the strength of the economy facing cultural diversity and the relations between body, ethics and politics.

KEY-WORDS: Body; culture; science; modernity.

Cuerpo y diversidad cultural

RESUMEN: El artículo que aquí se presenta discute el cuerpo como un elemento de la cultura y de la naturaleza, destacando la concepción de cuerpo de las ciencias biomédicas y la tendencia a una mundialización de la cultura, la fuerza de la economía frente a la diversidad cultural y las relaciones entre cuerpo, ética y política.

PALABRAS CLAVES: Cuerpo; cultura; ciencia; modernidad.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. *Mínima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BEHNKE, A.; WILMORE, J. *Evaluation and regulation of body build and composition*. Englewood: Prentice-Hall, 1974.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. Petrópolis: Vozes, 1987.

- BUARQUE, C. O caminho da modernidade ética é a educação. *InformAndes*. Brasília, n. 104, abril/2001.
- ECO, U. Entrevista. *Folha de São Paulo*, S. Paulo, 14 maio 1995. Caderno Mais.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos II: arqueologia das ciências humanas e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- GRAMSCI, A. *Literatura e vida nacional*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.
- _____. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GUEDES, D. P. *Composição corporal: princípios, técnicas e aplicações*. Florianópolis: Ceitec, s/d.
- HAUG, W. F. *Crítica da estética da mercadoria*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LASH, S. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Federal Paulista, 1997.
- McARDLE, W.; KATCH, F.; KATCH, V. *Fisiologia do exercício*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MORAES, A. C. de. *Meio ambiente & ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MORIN, E.; Kern, A. B. *Terra-pátria*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- NIETZSCHE, F.W. *Gaia ciência. Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- PAPART; CHASTONAY; FROIDEVAUX. *La sauté sauvage. Le monde diplomatique*, Paris, mars, 1999.
- POLLOCK, M.; WILMORE, J. *Exercícios na saúde e na doença*. Rio de Janeiro: Editora Médica e Científica, 1993.
- SANT'ANNA, D. B. É possível realizar uma história do corpo? SOARES, C. L. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados, Florianópolis: EdUFSC, 2001.
- VAZ, A. F. Dominar a natureza, educar o corpo: notas conceituais a partir da mimesis em Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. In: GRANDO, J. C. (Org.). *A (des)construção do corpo*. Blumenau: EdFurb, 2001.